



Espiritualidades: dimensões essenciais para a construção do conhecimento agroecológico

Spirituality: an essential dimension for the construction of agroecological knowledge

NUNES DA SILVA, José¹; TAVARES DE LIMA, Jorge Roberto²

¹ UFRPE, jose.nuness@ufrpe.br ²UFRPE, jorgertlima@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A modernidade baseia-se numa racionalidade, definidora da espécie humana, como seres de mente e corpo, independentes das naturezas. Esse afastamento das naturezas fortaleceu a ideia de domínio sob elas, que passaram a ser compreendidas como matérias-primas para enriquecimento ilimitado. Essa compreensão levou-nos a uma crise civilizatória, ameaçando a vida humana. Outras epistemes concebem a espécie humana, construída sobre o tripé mente-corpo-espírito, valorizando as ancestralidades. Essas epistemes, dos povos originários e tradicionais, foram atacadas e muitas exterminadas pela invasão colonial. Precisamos reencontrar essas epistemes que resistiram, visando sair da crise. Elas são pistas para existir na Mãe-Terra. A Agroecologia, apresenta-se como um caminho potencializador desse reencontro. Esse artigo, escrito a partir de uma pesquisa bibliográfica, trata disso, considerando as espiritualidades e os encantamentos como dimensões essenciais para o conhecimento agroecológico.

Palavras-chave: cosmos; mãe terra; naturezas.

Introdução

Na perspectiva da colonialidade e da modernidade destaca-se o argumento da separação entre sociedade e naturezas. Assim passamos a compreender os diferentes modos de vidas, como expressões máximas de uma única racionalidade, a ocidental. Nessa racionalidade as naturezas tornam-se passíveis de domínio pelas sociedades e, os conhecimentos sobre o mundo são construídos pondo em conexão uma estrutura bidimensional formada por corpo e mente.

Essa compreensão de naturezas enjauladas, dominadas e matematizadas, além da possibilidade única de mediar a construção dos conhecimentos relacionando mente e corpo, predomina no surgimento da ciência moderna, justificando a expansão colonial predatória das naturezas (inclusive a humana) e diferentes epistemicídios, aqui entendidos como toda forma de extermínio de conhecimentos históricos, característicos, sobretudo, das culturas originárias, das mais diferentes regiões do mundo como a América Latina, e do Brasil, em particular.

Como parte desses epistemicídios, todos os conhecimentos originários que não se fundamentassem na racionalidade européia passaram a ser considerados conhecimentos mágicos, míticos, utópicos ou rudimentares e, por isso, logo classificados como menores e menos importantes, passíveis de apagamento social e histórico.



No campo da agricultura, aqui entendida como um modo de vida centrado nas relações com o ambiente natural, para a produção de alimentos e não de mercadorias, técnicas tradicionais de cultivos diversos foram sendo substituídas pelas ditas técnicas modernas. Estas, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, avançam ferozmente sobre as naturezas, expandindo os processos que a colonização europeia iniciara no século XVI, resultando na intensiva destruição de matas e florestas, extinguindo espécies animais e vegetais, poluindo águas, enfim, contribuindo significativamente para pôr em risco a vida no planeta.

Em nosso entendimento, parte dessa catástrofe planetária se deve ao aniquilamento de dimensões centrais para a reprodução da vida nas sociedades originárias, latino americanas e africanas, que são as vivências das espiritualidades. Analisando estudos sobre essas cosmopercepções originárias observamos que as formas de viver, ver e interpretar os mundos (materiais e imateriais) são plurais, pois culturalmente construídas, e estruturam-se fundamentadas na tríade: espírito-mente-corpo. Tais cosmopercepções se constituem mágicas, pois o movimento das estrelas, o fluir das águas, o zumbir dos ventos e suas direções, as tonalidades do vermelho de um fogo, os cheiros e texturas dos solos são referências importantes para os ritmos e decisões da e sobre as vidas. Nesses modos de vidas, as naturezas ditam a vida, as vidas são naturezas, sendo a vida humana, apenas uma delas.

Nesse sentido interessa-nos neste artigo refletir como a agroecologia, aqui compreendida como um campo científico em construção, fundamentado na complexidade e no movimento da construção dos conhecimentos, que põe em diálogo elaborações acadêmicas, com outras ciências circulantes em movimentos sociais e práticas produtivas e organizativas de diferentes grupos sociais, como aqueles formados por camponesas/es, pode contribuir para o reencantamento do espírito. Resgatando o papel das diferentes vivências das espiritualidades, como dimensões essenciais para a construção do conhecimento agroecológico.

Metodologia

Visando alcançar o objetivo aqui proposto, realizamos uma pesquisa bibliográfica utilizando bases de dados como Google Scholar, bem como arquivos da Revista Brasileira de Agroecologia (RBA) e os Cadernos de Agroecologia (CA). Esses dois últimos como pilares que registram a construção do conhecimento sobre diferentes temas no âmbito da Associação Brasileira de Agroecologia-ABA. Realizamos uma seleção orientada pela busca das palavras chaves “espiritualidade e agroecologia” e “espiritualidade e conhecimento agroecológico” e, acabamos por revisar algumas produções acadêmicas nossas, como Tavares de Lima e Nunes da Silva (2015); Tavares de Lima e Silva (2018); Silva e Tavares de Lima (2018); incluindo ainda Laranjeira et al (2019) e Toledo (2022), dentre outros/as.



Resultados e Discussão

Tavares de Lima e Silva (2015, 2018) vêm consolidando o argumento de que é impossível encontrar saídas para as crises civilizatória, societária, ética e ambiental em que as sociedades ditas modernas se encontram, tendo como referências os ditos conhecimentos clássicos europeus, que, em grande medida, foram responsáveis por nos trazer até aqui, aprofundando o afastamento das sociedades com as naturezas e subjugando conhecimentos plurais.

Esse argumento se fundamenta num olhar cuidadoso sobre o conhecimento de povos originários e tradicionais, como indígenas, povos de terreiros e camponesas/es tradicionais no Brasil. Analisando ensaios teóricos publicados na RBA, Laranjeira *et al* (2019) afirma

Quatro ensaios teóricos apresentaram reflexões importantes sobre a cosmovisão e todos se referiram à cultura afro-brasileira. Em um dos ensaios, Silva e Tavares de Lima (2018) apontam, de forma clara, cinco aspectos do candomblé que podem contribuir muito com a agroecologia, sendo eles: i) a relação dos povos de terreiro e sua indissociabilidade com a natureza; ii) a vida em comunidade, importante para enfrentar a sociedade capitalista hegemônica responsável pela crise civilizatória; iii) o papel das folhas, “sem folhas não há orixás”, o que significa uma infinidade de conhecimentos relacionados às “folhas” e às “ervas de poder”, destinadas a curar o corpo e o espírito; iv) a alimentação, destinada ao corpo, considerado sagrado, pois é o canal para vivificação do orixá; e v) o papel das mulheres fortes e sábias que dirigem as casas. (p:76).

Esses elementos destacados na citação acima falam da cosmo percepção de um povo na qual a espiritualidade, torna-se a centralidade na experiência de estar-sentir-agir e transformar o mundo.

Essa não é uma característica importante somente para os povos de terreiros no Brasil. Ela pode servir de ferramenta analítica para grupos ampliados do campesinato brasileiro, como o campesinato negro em geral (NUNES DA SILVA, 2019).

Ainda lendo Laranjeira *et al* (2019) encontramos a afirmação de que os estudos de Barrera-Bassols e Zinck (2001), indicam componentes fundantes dos estudos das etnociências, que são o corpus, a práxis e o cosmos. O corpus refere-se ao conjunto de conhecimento ou de sistema cognitivo; a práxis, às práticas de manejo (do agroecossistema, por exemplo); e cosmos aos sistemas simbólicos e crenças locais. É indiscutível que na construção do conhecimento agroecológico no Brasil avançamos considerando significativamente a práxis e o corpus, marginalizando, muito por nossa característica colonial, a dimensão do cosmos.



Toledo (2022) corrobora com esse argumento ao afirmar que os agroecologistas avançaram significativamente em construir, junto com os povos tradicionais, experiências no campo epistemológico, reunindo amplos repertórios de conhecimentos; no campo da realização/experimentação de diferentes práticas, vinculadas a dimensão produtiva, porém, destaca o autor, marginalizando uma dimensão ontológica que reúne sabedorias e crenças, que tornam o mundo cultural permeado por um conjunto de crenças que sustentam as cosmopercepções ao mesmo tempo, particulares e plurais.

Nessa perspectiva torna-se central o papel atribuído ao cosmos, como organismo vivo nutrindo todas as formas de vida. A Terra nesse sentido, é representada por todas as naturezas e podemos aqui compreendê-la a partir de uma retomada de sua sacralidade. A retomada desse ser sagrado que dá vida e, por isso, precisa estar viva. A agroecologia com seus fundamentos e princípios pode se constituir num campo científico que venha contribuir para manter as vidas. Vidas na busca do futuro ancestral de que nos fala Krenak (2022:27) como aquele futuro que é tudo que já existiu, não é algo que está lá em algum lugar, aparentemente inalcançável para muitas pessoas, mas ele é o que sempre esteve e está aqui, mas o capitalismo e o chamado desenvolvimento atuam cotidianamente para destruí-lo como alternativa sistêmica.

Se agroecologia deve considerar esse olhar para trás, que está no presente, nos termos de Toledo (2022) ela não deve se ocupar apenas do diálogo de conhecimentos, mas sim do diálogo, inevitavelmente intercultural, entre diferentes cosmovisões/cosmopercepções/encantamentos. Esse diálogo entre cosmovisões/percepções só é compreensivo quando nos debruçamos sobre a essência dos seres humanos, sem sermos essencialistas. Buscamos compreendermo-nos como construtoras/es de culturas, por si, embebidas de naturezas, como um princípio ontológico. Nesse sentido Toledo (2022) nos diz:

A ontologia, por sua vez, define uma forma de entender e construir o mundo, o que implica assumir que tipo de coisas existem ou podem existir, e quais as relações entre aquilo que existe (...) a diferença significativa entre a ontologia do mundo moderno e a do mundo tradicional, é que a primeira está separada da natureza, da cultura e sua visão está baseada no racional (como ciência), enquanto que para os povos tradicionais essa separação não existe e os seres humanos aparecem numa igualdade permanente em relação ao que não é humano (p:04).

As espiritualidades são, também, parte da essência desse não humano. Compreendidas de diferentes formas, por diferentes culturas, podemos entendê-las como energia vital, que sustentam o corpo e dinamizam a mente.

Iran Xukuru, liderança do Povo indígena Xukuru do Ororubá, que vive na Serra do Ororubá, no município de Pesqueira, em Pernambuco (Brasil) nos fala dessa espiritualidade, tomando a forma de encantamento. Assim sintetiza



Quando a gente fala no viver da própria Terra, não fala só da vida biológica, mas, principalmente e essencialmente, da vida espiritual. Nós somos movidos por uma crença de um mundo espiritual, que é o mundo dos encantados. Acreditamos que esse mundo encantado precisa da natureza matéria, aquilo que tem massa e ocupa lugar no espaço é morada desses reinados encantados. Então, uma agricultura que entra na natureza ela estando degradada tem que se colocar numa situação de restauradora, para que produza floresta, água, nos colocando como protetores, como cuidadores desses recursos naturais. Mas por quê? Para produzir alimentos saudáveis, sem agrotóxicos, para produzir medicina – não só com planta que cura, mas com reza, diálogo com os encantados –, para produzir gastronomia. Nesse diálogo também com o mundo dos encantados, nós preservamos, protegemos e, às vezes, construímos os espaços físicos e materiais que são morada dos encantados. Qual a essência do ser xukuru? É o espírito! Se o homem e a mulher xukuru não têm crença no mundo dos encantados, ele não é xukuru. Ele pode se afirmar enquanto um indivíduo xukuru, mas se ele não vive e não está incluído num plano de vida que tem como meta proteger, dialogar e viver uma vida baseada na orientação dos encantados. Muitas pessoas que conversam comigo têm até aquela tristeza, porque espera aquele estereótipo, aquele padrão de índio do Xingu, índio com cara de boliviano e tal, e eu sempre digo ao pessoal: “Quem está aqui é Iran que é espírito e é matéria, o que vocês estão vendo é a casa do espírito”. As religiões acreditam na essência desse espírito, nós não somos diferentes, só que a gente tem outra cosmologia, que é formada por outras cosmovisões. Então, quem está no movimento da agricultura modo de vida tem suas cosmovisões, de viver e materializar essa cultura de encantamento através dessa agricultura (MINDELO, 2021, p:03).

Nessa imprescindível citação do pensamento Xucuru, aparece uma distinção importante para o debate aqui apresentado que é a diferenciação necessária entre a espiritualidade e a religiosidade. Toledo (2022) também trata desse tema. Defendemos que as vivências das espiritualidades não necessariamente estão vinculadas às práticas religiosas. Essas são marcadas por dogmas, princípios e hierarquias, que por vezes reproduzem desigualdades e opressões. Assim, viver as espiritualidades é viver e reconhecer os espíritos da terra, do ar, do fogo, das águas, das florestas e matas, com suas diferentes intensidades no fazer-vida.

Conclusões

Assumir as espiritualidades como dimensões fundamentais nos processos de construção do conhecimento desloca a centralidade da agroecologia para além do campo da ciência, movimento e prática. Nos termos de Toledo (2020), citando Wilson (2019) a agroecologia caminhará, assim, rumo a se constituir numa arte, uma coleção de soluções criativas, produtora de alimentos nutritivos e saudáveis, de solidariedade, de uma revolução no caminho da paz. Para Wilson (2019) citado por Toledo (2022) “a agroecologia é uma conexão espiritual com a terra e com a natureza, através de qualquer fé que possamos ter”.



Essa perspectiva é desafiadora, pois torna-se necessária uma transformação profunda do *Homo Sapiens* impregnado de modernidade e agindo sob a perspectiva da exploração ilimitada das naturezas, tidas como recursos para gerar riquezas, nas sociedades dos povos da mercadoria, de que nos fala Kopenawa e Albert (2015).

“Virar essa chave” significa reconexões com as naturezas, buscando compreender e valorizar todas as formas de vidas e de conhecimentos. É buscar consolidar a noção de que sociedades são naturezas. Nesse sentido as naturezas se compõem de formas materiais, visíveis, palpáveis e; formas imateriais, invisíveis, encantadas, intocáveis. Essas guardam conhecimentos, orientam nossos passos na terra madre e são constitutivas das vidas. Reencontrar com elas é essencial para que evitemos *A queda do céu*, de que nos fala Davi Kopenawa (*op cit.*). *A queda do céu*, pode ser entendida numa leitura não-indígena, de fora da cultura Yanomami, como a soma silenciosa, gradual e cotidiana de muitas catástrofes ambientais e sociais que viemos impondo à terra madre. O desmatamento das matas e florestas, a poluição das águas, a emissão desenfreada de poluentes e gases de efeito estufa, que intoxicam os céus e as estrelas, aumentam o calor, derretem as geleiras, aquecem os oceanos, exterminam vidas marinhas e toda fauna, por fim, exterminam os povos originários e tradicionais, com seus conhecimentos. Enfim, nos exterminaremos!

O encontro com nossos espíritos pode nos conduzir por conhecimentos que possam, ainda que aparentemente de forma tardia, nos salvar do capitalismo e suas mazelas.

A construção do conhecimento agroecológico, politicamente e socialmente construído, sem ser considerado uma panaceia, que cura todos os males, pode contribuir para a travessia, para o verdadeiro diálogo intercultural e ancestral, rumo a terra sem males, de que nos falam os Guaranis Kaiowas, que estará, inevitavelmente, habitada pelos espíritos das florestas, matas, águas, ventanias e labaredas!

Referências bibliográficas

KRENAK, Ailton. **O futuro ancestral**. Companhia das Letras: São Paulo, 2022.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LARANJEIRA, Nina. P. F., CARCELLE, Sebastien. J. A., MIRANDA, Denise de., SÁ, Tatiana. D. de A., TRENTO, Luã. G., SOUZA, Thais. S. de, & CARDOSO, Irene. M. Para uma ecologia de saberes: trajetória da construção do conhecimento agroecológico na ABA. **Revista Brasileira de Agroecologia**, 14(2), 2019.

MINDELO, Olívia. A natureza não vive bem sem nós, é um grande equívoco. **Revista Continental**. Julho de 2021.



<https://revistacontinente.com.br/secoes/entrevista/ra-natureza-nao-vive-bem-sem-no-s--e-um-grande-equivocor>, acessado em 11 de julho de 2023.

NUNES DA SILVA, José. A atualidade do campesinato negro no nordeste brasileiro e suas contribuições para a construção do conhecimento agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Vol.14, N°. 2 Especial, 2019.

SILVA, José Nunes da; TAVARES DE LIMA, Jorge Roberto. Povos de Terreiros e construção do conhecimento agroecológico: notas para um debate. **Cadernos de Agroecologia**. Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF, Vol. 13, N° 1, julho de 2018.

TAVARES DE LIMA, Jorge Roberto; NUNES DA SILVA, José. Cosmovisões e agroecologia: sentir, existir e construir. **Cadernos de Agroecologia**, Vol. 10, N° 3, 2015.

TAVARES DE LIMA, Jorge Roberto; SILVA, José Nunes da. Agroecologia e espiritualidades, o reencontro necessário. **Cadernos de Agroecologia**. Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF, Vol. 13, N° 1, julho de 2018.

TOLEDO, Víctor M. Agroecology and spirituality: reflections about an unrecognized link, **Agroecology and Sustainable Food Systems**, 2022.17p.